



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

## O AMOR À PÁTRIA E A INVENÇÃO DO BRASIL

Ana Paula de Castro Carvalho  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil  
Endereço eletrônico: anapaulacastle@gmail.com

### INTRODUÇÃO

Analisaremos neste trabalho duas obras separadas por séculos, mas que versam sobre os mesmos personagens históricos e seu papel na colonização da Bahia no século XVI, Diogo Álvares Correia e sua mulher, Paraguaçu. A primeira obra, cânone da literatura nacional, *Caramuru, poema épico do descobrimento da Bahia*, escrito por Frei José de Santa Rita Durão no século XVIII, logo após as reformas pombalinas; a segunda, *Caramuru – a invenção do Brasil*, filme de Guel Arraes, de 2001, direção e texto de Guel Arraes e Jorge Furtado.

Nosso objetivo é reinterpretar comparativamente as duas obras, tendo em vista o conceito de entre-lugar, apresentado por BHABHA (1998); e revisitar alguns mitos acerca da formação da identidade nacional brasileira, como explicita CHAUI (2001). O entre-lugar é o local da cultura onde os discursos dos dominadores e os discursos das minorias se encontram e se transformam mutuamente, construindo uma identidade híbrida. A desconstrução dos mitos de nacionalidade é ao mesmo tempo desconstrução e dessacralização dos discursos de autoridade da História, todavia, a busca por identidade envolvida nesse processo é ambivalente, pois não se constitui como reação ou substituição pura e simples, ela é urgência de reconciliação entre campos antagônicos.

O ponto central dessa comparação é desvelar a tentativa de construção de uma identidade nacional, um ideário unificador para uma sociedade heterogênea e multicultural como é a brasileira, fundamentada, porém, em uma visão de mundo eurocêntrica, mas também ambivalente.

De que maneira esta visão ambivalente, em que ora se privilegia a cultura dominante ora a dominada, se dá no discurso neoclássico de Durão e no discurso carnavalizado de Arraes? O filme de Arraes consegue realizar o deslocamento do discurso eurocêntrico de Durão para um suposto entre-lugar para a identidade brasileira?



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

## **METODOLOGIA**

Analisaremos a princípio as ideologias subjacentes ao discurso eurocêntrico de Durão, condicionada ao gênero épico no qual se insere e seus objetivos de formulação de uma identidade nacional baseada na idealização do herói e no rebaixamento dos traços culturais indígenas. A seguir, refletiremos sobre a releitura que Arraes faz dessa epopeia canônica, um discurso artístico, desprovido de pretensões históricas, mas que carrega em seu âmago uma clara mensagem da necessidade de se superar as diferenças culturais.

Com base em Candido (2008) e Coutinho (2003), entendemos que a análise da representação artística deve lançar mão de aspectos internos e externos à obra, pois a complexidade dos significados requer, a depender da natureza do texto, a combinação de elementos presentes e ausentes a este. O que resulta desta análise é uma visão da arte como recriação da realidade.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Durão, em Caramuru, se propõe a escrever um poema narrativo, em oitavas rimadas, sobre os sucessos do Brasil, inspirado pelo amor da pátria. Escolhe para isso o gênero épico, forma que atende ao estilo clássico dominante no período e ao seu intuito de louvar grandes feitos heroicos da colonização da Bahia e da conversão dos indígenas. No poema, a conversão se dá, por um lado, de forma natural e tranquila, dada a facilidade com que Diogo catequiza os índios e os faz crer que ele seja um representante dos deuses; por outro, violenta, se levar-se em conta metade do poema se dedicar a descrever uma guerra tribal.

O poema está repleto de descrições de costumes e paisagens exóticos. Mescla mitologia pagã, mitologia cristã e muito da imaginação europeia sobre o novo mundo. Essa mistura não fere a coerência de sua época. Seguindo a influência clássica marcante na poesia do século XVIII a presença da mitologia pagã é um lugar-comum retórico; a mitologia cristã corresponde ao seu feitor (um frei agostiniano); as fantasias sobre a colônia americana ecoam preconceitos gerais. Elementos da religiosidade e imaginário dos índios também são mencionados, “Tupã”, “anhangás” e os rituais antropofágicos, apontados como motivo indiscutível para a colonização e necessária conversão das



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

almas perdidas. O herói idealizado desta epopeia de conquista e dominação lusitana sobre a população indígena é um português, Diogo Álvares, retratado não só como forte e bravo, mas também como exímio catequista, além de casto, nobre e sempre fiel à Coroa Portuguesa.

Até a estrofe XXIII Durão consegue retomar todos os elementos de alteridade elencados pelas literaturas de viajantes, o canibalismo, a nudez, os rituais mágicos, o desinteresse pelo ouro e por práticas de acumulação de riquezas (DEL PRIORE; VENANCIO, 2010). Há também elementos de aproximação, Durão procura amenizar a preconceituosa imagem dos indígenas como povos “sem fé, sem rei, sem lei”, e procura reabilitá-los como parte integrante e indispensável da história do Brasil. Ainda no primeiro Canto vemos tanto elogios às qualidades nobres portuguesas quanto elogio às qualidades nobres indígenas, contudo, a obra reforça o elemento europeu, dando a este sempre vantagem sobre o indígena. O índio é bravo e forte, não é cobiçoso, é bruto devido à falta de educação, na sua ignorância é puro dos pecados da civilização. No entanto, ao nobilitar o indígena para elevá-lo como povo ancestral do povo brasileiro, Durão o faz predominantemente pelo olhar do colonizador, louvando o que há de coincidências entre as duas culturas e usando as diferenças como justificativa para a sua subordinação ao domínio português.

Produzido em formato de minissérie televisiva, o filme *Caramuru – A invenção do Brasil* é uma adaptação em que se excluíram os relatos documentais sobre a história da colonização da Bahia/Brasil e tomou por foco a história de amor entre o naufrago Diogo e a princesa tupinambá, Paraguaçu. O filme parodia a epopeia de Durão, subvertendo a visão moralista e extremamente catequética da obra original. O contraponto inicial se dá na descrição de Diogo: Durão faz dele um nobre e honrado português, Arraes pinta-lhe como um tolo herói de comédia romântica.

O Diogo do filme é degredado para as Índias por conta de sua ingenuidade ao roubar o mapa da esquadra de Cabral para pintar nele o retrato de uma sereia inspirada no nu da duquesa Isabelle, que o rouba e abandona à prisão e ao degredo. Diogo vem parar na costa brasileira e acidentalmente conquista o respeito dos tupinambás, cujo chefe lhe concede as filhas como concubinas, em cumprimento à tradição local da “hospitalidade tupinambá”, versão sintetizada de que no Brasil tudo é permitido, “não existe pecado ao sul do Equador”, o que contraria diretamente a versão moralista que



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

Durão dá ao caso de amor entre o português e a índia e combina com perfeição com o mito do brasileiro como povo hospitaleiro e sempre alegre. Na epopeia, os dois se apaixonam e mantêm-se castos até o casamento, em Arraes, o amor é livre, polígamo e sem culpas.

O discurso de *A invenção do Brasil* é uma revisão do discurso histórico e uma reprodução de diversos lugares comuns do que se costuma chamar de cultura brasileira após o movimento modernista e o tropicalismo. O constante clima de festa das chanchadas e do carnaval; a preguiça atribuída aos índios; o sotaque nortista de Itaparica, Moema e Paraguaçu rememorando o tempo em que a busca às raízes do país se voltou para a cultura regional e popular; em contraposição, há o sotaque dos personagens portugueses (Diogo, Vasco de Ataíde, Dom Jaime, Heitor), que é um português mais castiço. Não há personagens com traços indígenas de fato no filme, há “brasileiros”. Assim como os costumes representados são caricaturados da realidade. É justamente esse um dos pontos cruciais da narrativa fílmica de Arraes, ela não tem pretensão de ser história, é invenção. Assim como o poema de Durão não era testemunho, mas sim uma epopeia de amor à pátria e aos interesses coloniais portugueses.

## CONCLUSÕES

Em Durão, louvar e valorizar os povos que nos deram origem, colonizadores e colonizados, é parte integrante da construção de nossa identidade nacional. Este louvor é feito de acordo com a estrutura do gênero escolhido, a epopeia, mas também em consonância com o pensamento eurocêntrico dominante no século XVIII. Para Arraes, lidar com os nossos mitos de fundação, apontados por CHAUI (2001) como responsáveis pela construção da nossa identidade enquanto povo, é reconhecer o que há neles de idealização e brincar com isso. É mais significativa para a reinterpretação carnalizada das nossas origens zombar do que foi dito sobre estas origens, porque é este o elemento de reconhecimento, são por esses mitos que nos reconhecemos, ainda que para negá-los. Se vamos discuti-los não será do ponto de vista dominante ou dominado, será de um local mais indefinido, de um entre-lugar.

Acostumamo-nos a esperar da História que nos dissesse como nos representar, mas a História também é recriação, plasmada por demandas que se alteram no tempo.



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

Desejo de uma história gloriosa, desejo de enaltecer os povos que nos deram origem, desejo de denunciar as violências perpetradas em nome de interesses dos colonizadores, desejo de reabilitar vozes que nunca foram ouvidas e urgem por sê-lo.

Se o discurso artístico é invenção e prescinde da história para cumprir sua missão de deleitar e fazer refletir, pode prescindir também da função pedagógica de fundar nacionalidades. Pode simplesmente dialogar com os nossos mitos e preconceitos sem ser acusado de alimentá-los, ser apenas representação de identidades cujas fronteiras são difíceis de definir. Assim, o colonizador pode passar de herói a desastrado, o índio passar de bom selvagem a malandro esperto, a história de sangue e guerra se tornar uma história de amor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Eurocentrismo; Identidade Nacional; História.

## REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, Antônio. Movimento e Parada. In: **Na sala de aula (caderno de análise literária) 9ª ed.** Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

CARAMURU, a invenção do Brasil. Direção de Guel Arraes. Rio de Janeiro: Globofilmes, 2001. 88 minutos.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil, mito fundador e sociedade autoritária. 4ª ed.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

COUTINHO, Eduardo de Faria. **Literatura comparada na América Latina.** Rio de Janeiro, EdUERJ, 2003.

DEL PRIORE, Mary; VENANCIO, Renato. **Uma Breve História do Brasil.** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

DURÃO, José de Santa Rita. **Caramuru, poema épico do descobrimento da Bahia.** [www.nead.unama.com.br/caramuru](http://www.nead.unama.com.br/caramuru).